



**REVOLUÇÃO SEXUAL, FEMINISMO & CONTRACULTURA NA
PERSPECTIVA DE ROSE MARIE MURARO EM *LIBERTAÇÃO SEXUAL DA
MULHER* (1970)**

Patrícia Marcondes de Barros¹

RESUMO

Neste trabalho, analisamos a relação entre a Revolução Sexual, o feminismo de segunda onda e o movimento juvenil denominado como contracultura, abordados na obra *Libertação Sexual da Mulher* (1970) de Rose Marie Muraro. A autora discute as principais teses feministas que ganharam destaque na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, explorando a repressão sexual à luz das ideias de pensadores como Herbert Marcuse, Wilhelm Reich e Norman O. Brown. Essa Revolução Sexual, influenciada por mudanças sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e culturais no pós-Segunda Guerra Mundial, moldou uma nova subjetividade, promovendo comportamentos femininos e masculinos inovadores em busca de uma sociedade mais igualitária.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura feminista, Revolução Sexual, Feminismo de Segunda Onda, Contracultura, Rose Marie Muraro.

ABSTRACT: In this work, we analyze the relationship between the Sexual Revolution, second-wave feminism, and the youth movement known as counterculture, as discussed in Rose Marie Muraro's book "Sexual Liberation of Women" (1970). The author delves into the major feminist theses that gained prominence in Western Europe and the United States, examining sexual repression in the light of ideas put forth by thinkers like Herbert Marcuse, Wilhelm Reich, and Norman O. Brown. This Sexual Revolution, shaped by social, political, economic, technological, and cultural changes in the post-World War II era, forged a new subjectivity, fostering innovative male and female behaviors in the quest for a more egalitarian society.

KEYWORDS: Feminist literature, Sexual Revolution, Second Wave Feminism, counterculture, Rose Marie Muraro.

RESUMEN: En este trabajo, analizamos la relación entre la Revolución Sexual, el feminismo de segunda ola y el movimiento juvenil conocido como contracultura, tal como se discute en el libro de Rose Marie Muraro, "Liberación Sexual de la Mujer" (1970). La autora profundiza en las principales tesis feministas que ganaron prominencia en Europa Occidental y Estados Unidos, examinando la represión sexual a la luz de las ideas propuestas por pensadores como Herbert Marcuse, Wilhelm Reich y Norman O. Brown. Esta Revolución Sexual, moldeada por cambios sociales, políticos, económicos, tecnológicos y culturales en la era posterior a la

¹ Professora do Departamento de História na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutora em História (UNESP, 2007). É autora do livro "Panis et Circenses": a ideia de nacionalidade no Movimento Tropicalista (EDUEL, 2000) e organizadora dos livros "Sol da Liberdade" (Editora Vieira & Lent, 2014) de autoria do jornalista, roteirista de TV e filósofo, Luiz Carlos Maciel e Transas da Contracultura Brasileira (com a pesquisadora Ísis Rost, Editora Passagens, 2020). Atualmente, suas pesquisas abarcam a produção marginal brasileira na década de 1970 (Cinema, Teatro, Literatura), a formação docente na contemporaneidade e o Ensino de História e Linguagens. Realizou estágio Pós-Doutoral em Estudos Literários (PNPD-CAPES) pela Universidade federal de Uberlândia e em Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas (PNPD-CAPES).



Segunda Guerra Mundial, forjó una nueva subjetividad, fomentando comportamientos innovadores tanto masculinos como femeninos en busca de una sociedad más igualitaria.

PALABRAS CLAVE: Literatura feminista, Revolución Sexual, Feminismo de Segunda Ola, contracultura, Rose Marie Muraro.

RÉSUMÉ: Dans ce travail, nous analysons la relation entre la Révolution Sexuelle, le féminisme de la deuxième vague et le mouvement de jeunesse connu sous le nom de contre-culture, tel que discuté dans le livre de Rose Marie Muraro, "Libération Sexuelle des Femmes" (1970). L'auteure explore les principales thèses féministes qui ont gagné en importance en Europe de l'Ouest et aux États-Unis, examinant la répression sexuelle à la lumière des idées avancées par des penseurs tels que Herbert Marcuse, Wilhelm Reich et Norman O. Brown. Cette Révolution Sexuelle, façonnée par les changements sociaux, politiques, économiques, technologiques et culturels de l'après-Seconde Guerre mondiale, a forgé une nouvelle subjectivité, favorisant des comportements innovants tant masculins que féminins dans la quête d'une société plus égalitaire.

MOTS CLÉS : Littérature féministe, Révolution Sexuelle, Féminisme de Deuxième Vague, contre-culture, Rose Marie Muraro.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a ideia de Revolução Sexual, suas reverberações no feminismo de Segunda Onda e as relações destes temas com o movimento juvenil denominado como Contracultura, sob o enfoque da escritora Rose Marie Muraro (1930-2014) e apresentadas na obra *Libertação Sexual da Mulher* (1970). A obra se detém na análise do conceito de repressão sexual, abordado de maneira histórica e psicanalítica. Este conceito se alinha com as ideias de pensadores como Herbert Marcuse, Wilhelm Reich e Norman O. Brown, que enxergavam a sexualidade numa perspectiva social. Essas ideias ressoavam não apenas em Rose Marie Muraro, mas também em parte da geração que viveu as décadas de 1960 e 1970, buscando respostas para as questões essenciais da existência, modulados por movimentos de contracultura. A Contracultura foi um movimento social juvenil de caráter multiculturalista que teve como mote a crítica à sociedade capitalista e tecnocrática na busca pela autonomia do indivíduo na construção de sua própria vida.

No Brasil, a psicanálise desempenhou um papel significativo neste sentido, mediante a crise existencial desencadeada pelo momento de repressão política imposta durante a ditadura militar brasileira e pelas novas proposições mobilizadas por parte da juventude do mundo inteiro, dando visibilidade aos movimentos das chamadas minorias sociais, como o das mulheres, contribuindo para o chamado de Muraro ao movimento feminista.

Muraro afirma que:

[...] Quando entrei em análise, fiquei com a culpa de não poder ir para a clandestinidade, de não poder ajudar. Trabalhei isso com meu analista, e ele me perguntou:

- Então por que você não entra para o feminismo?
- Como? Entrar para o feminismo?!
- Você tem medo de perder sua feminilidade? (MURARO APUD DIAS, 2003, p.200).

Conforme observado por Dias (2003, p.200), Rose Marie Muraro abraçou o desafio de se envolver com o feminismo pelo desejo da ampliação de direitos e contra a opressão da mulher, reconhecendo que essa luta não se restringia a uma questão meramente individual, mas sim, um desafio coletivo visto ser uma problemática profundamente enraizada em nossa sociedade.

A ideia de Revolução Sexual desencadeada no final da década de 1960 e expressa pela Contracultura desempenhou um papel crucial no descondicionamento tanto das mulheres quanto dos homens às amarras dos papéis sociais estabelecidos. Paralelamente a esse cenário, na Grã-Bretanha, surgiu o campo acadêmico da História das Mulheres, impulsionado por diversos fatores, incluindo aspectos científicos, sociológicos e políticos. “Esses fatores contribuíram para a crescente importância das mulheres nas ciências humanas em geral, e na história em particular” (PERROT, 2007, p. 19). Esse período marcou uma revolução nas ciências humanas, levando a historiografia a estabelecer relações com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, que desempenhou um papel fundamental na reavaliação do conceito de família como um importante objeto de pesquisa para compreender o papel das mulheres na sociedade. Neste contexto temos os novos movimentos, a exemplo dos jovens imersos na contracultura, do feminismo, do movimento negro, da causa ecológica, entre outros, que ganham visibilidade e reverberam ao planeta a necessidade de transformação quanto ao entendimento dos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens, no anseio de uma sociedade equitativa. Até 1970, havia uma escassez significativa de escritos no Brasil abordando a questão das mulheres na sociedade. A literatura disponível consistia principalmente de algumas teses universitárias e do livro *Arte de ser mulher* da jornalista gaúcha Carmem da Silva, publicado pela editora Civilização Brasileira (SILVA APUD DIAS, 2003, p. 200). Essa fase marca o início, em termos temporais, do chamado feminismo de Segunda Onda no Brasil, como observado em estudos de Soares (1994), Telles (1993), Pedro (2006) e Pinto (2003).

[...] O debate sociológico sobre movimento feminista nos remete para uma origem no século XVIII, durante o período da Revolução Francesa. No Brasil, o que tem sido majoritariamente considerado pelas estudiosas situa a sua emergência na luta pelo voto das mulheres, mobilizações ocorridas na primeira metade do século XX, que ficou conhecido como sufragismo e, teria sido a primeira onda. A segunda onda é situada a partir da reemergência do feminismo na década de 1970 (GONÇALVES e PINTO, 2011, p.30).

Em depoimento, Muraro (2004) relata que sua introdução ao feminismo aconteceu por meio de uma freira, que lhe ofereceu o livro da autora norte-americana Betty Friedan, intitulado *A Mística Feminina* (1963). Essa obra, que serviu como gênese do movimento de libertação das mulheres nos Estados Unidos, foi traduzida e lançada em 1971 pela Editora Vozes. Para Muraro, o livro possuía um caráter libertador e



abordava questões relacionadas à autonomia feminina, incluindo a esfera sexual. Ele explorou a noção do direito natural da mulher de buscar o prazer sexual, tocando em um tema ainda envolto em tabus na época.

Mesmo com tais iniciativas o feminismo encontrou pouco espaço para se consolidar durante o período da ditadura militar brasileira. O lançamento da mencionada tradução causou grande impacto no país, uma vez que contou com a presença da própria autora, a feminista Betty Friedan que tornou público seu apoio à democracia em pleno regime militar. A ocasião resultou em uma série de desafios para Muraro, incluindo perseguições em sua vida pessoal e profissional por parte das alas conservadoras da sociedade brasileira, que não apenas emanavam do governo ditatorial, mas também de representantes da Igreja Católica, da mídia e de outros segmentos sociais. Conforme observado por Muraro, a reação negativa por parte desses setores conservadores pode ser interpretada como "a expressão de uma sociedade patriarcal que se sentia profundamente ameaçada pela mudança no papel das mulheres" (MURARO, 1972, p. 6).

A hostilidade da mídia, que geralmente retratava Friedan como "lésbica e feia" (DUARTE, 2006, s/p), foi usada em contrapartida, em prol da causa feminista que criticou de forma contundente a sociedade de consumo, raiz da opressão das mulheres em todo o mundo.

Para sistematizar o presente trabalho, começaremos abordando o contexto em que a obra *Libertação Sexual da Mulher* (1970) foi produzida. Vamos destacar o movimento do feminismo de segunda onda e da Revolução Sexual modulada pelos movimentos de contracultura nos anos 1960 e 1970, apresentando, de forma geral, algumas referências relacionadas ao pensamento de Muraro. Em seguida, nos concentraremos especificamente na referida obra, publicada em 1970, onde apresentaremos os principais temas discutidos pela autora e suas contribuições para o debate atual.

2 A Revolução Sexual e o Feminismo no contexto da ditadura militar e da contracultura

[...] A revolução sexual é acompanhada por outra, a que chamaremos de libertação intelectual da mulher. Também desencadeou-se em fins da década

de 60. Seu campo de batalha: os países industrializados, principalmente os Estados Unidos. Além das *Panteras Negras* e os estudantes rebeldes, a sociedade americana tem um novo inimigo: as mulheres (MURARO, 1970, p.15).

A Revolução Sexual, em sua essência, é um convite à reflexão sobre a liberdade humana, desafiando a moral tradicional e, de maneira mais profunda, propondo a desconstrução das neuroses resultantes da repressão sexual, que é uma consequência da formação da sociedade capitalista, tecnocrática e patriarcal. Seguindo a linha de pensamento de Freud em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), o que era chamado de civilização consistia na história da repressão dos instintos humanos em prol da sociedade estabelecida, essencialmente, uma educação dos sentidos para impulsionar a produção em larga escala. Nesse contexto capitalista, os papéis, corpos e comportamentos de mulheres e homens são estritamente definidos para garantir o funcionamento da engrenagem.

Dando continuidade a essa interpretação freudiana e indo além, Herbert Marcuse, em *Eros e Civilização* (1978), elaborou o conceito de uma cultura libidinal não repressiva, ou seja, uma cultura que não suprime os instintos humanos a expressar livremente seus desejos sexuais e emoções, sem as restrições impostas pela moral tradicional ou pelas estruturas de poder. Marcuse argumenta que a civilização impôs uma dominação por meio de uma repressão adicional para estruturar e consolidar essa sociedade e seus valores. A repressão sexual não era mais resultado de uma sublimação dos instintos, mas sim de uma dessublimação, de acordo com Marcuse. Em outras palavras, não se reprimiam mais as manifestações sexuais, ao contrário, elas eram estimuladas pelas técnicas de produção e forças produtivas permitindo uma aparente liberdade e acesso aos prazeres sexuais e sensuais, contudo, de forma manipulada para fins de controle, especialmente na sociedade de consumo. A dessublimação repressiva era vista como uma excitação dos instintos para enfraquecê-los, uma vez que nunca seriam totalmente saciados, tornando-os facilmente submissos ao sistema de dominação.

O arcabouço teórico e crítico desses autores junto ao existencialismo sartreano levou parte da geração de Rose Marie Muraro a um novo entendimento social, partindo da sexualidade. Na esteira dos movimentos contraculturais levados a cabo pelos jovens dos anos 1960 e 1970, entende-se que o discurso da Revolução Sexual tinha como

proposta ir além das relações binárias, heterossexuais e monogâmicas, objetivadas pela concepção de “macho-fêmea”.

Rose Marie Muraro percebia a Revolução Sexual como necessária e acreditava que a juventude mudaria estruturalmente a sociedade junto a outros setores progressistas da sociedade. Os “jovens da Era Eletrônica”, como eram chamados por Muraro, se configuravam como andróginos sem “sexo especializado” e que transcenderiam finalmente, a concepção normativa do sexo. A importância dos movimentos sociais dos jovens e dos novos meios de informação e comunicação no desencadeamento das mudanças sociais necessárias, são tratadas especialmente em suas obras *A Alquimia da Juventude* (1999) e *Os Avanços Tecnológicos e o Futuro da Humanidade* (2009) e na imprensa alternativa, como na citação que segue publicada na revista *Bondinho*:

[...] mulheres, jovens, negros, oprimidos, todas as classes de pessoas dominadas por uma minoria, nesta segunda metade do século vinte, e que também a época da comunicação eletrônica planetária despertam. As autoridades, acostumadas a pensar politicamente esquecem-se que esta revolução eletrônica é também a revolução da informação e da informação planetária. Portanto, acima de qualquer política e qualquer cultura. A televisão e os teletipos não sabem respeitar fronteiras nem políticas nem ideologias. Invadem tudo. Não há mais isolamento possível ao mundo eletronicamente unificado (MURARO, 1972, p. 7.)

Nos anos 1960, com a introdução da pílula contraceptiva, a concepção de sexo voltou-se menos exclusivamente para a procriação, restituindo às mulheres o direito de conduzir seus corpos e vontades sem restrições. Isso proporcionou um espaço para a busca do prazer e autonomia que antes eram reprimidos. A obra *A Função do Orgasmo* (1927) de Wilhelm Reich ressaltou que a repressão sexual inicialmente desencadeava tensões no corpo, levando a dores e desconforto, e, eventualmente, evoluindo para doenças somáticas, como o câncer. Reich argumentava que, se não nos insurgíssemos contra essa repressão, nossas células reagiriam multiplicando-se e contribuindo para o surgimento de doenças graves. Ele chamou isso de 'couraça' que moldava tanto o físico quanto o caráter das pessoas, influenciando a maneira como enfrentavam a vida. Para Reich, a ideia era promover uma educação sexual que não demonizasse a sexualidade em prol da abstinência, mas que estimulasse uma vida sexual natural e saudável.

[...] No campo da higiene mental, temos a tarefa de substituir o caos sexual, a prostituição, a literatura pornográfica e o gangsterismo sexual pela felicidade natural no amor, garantida pela sociedade. Isso não implica em nenhuma

intenção de “destruir a família” ou “minar a moral”. Na realidade, a família e a moral é que já estão minadas pelas formas compulsivas de família e moralidade. A conduta anti-social surge de impulsos secundários que devem sua existência à supressão da sexualidade natural. Os crimes sexuais, os abortos criminosos, a agonia sexual dos adolescentes, o assassinato das forças vitais nas crianças, as perversões a granel, os esquadrões da pornografia e do vício, a exploração vil da ânsia humana por amor levada a cabo por empresas comerciais e publicitárias vulgares, as milhares de enfermidades tanto psíquicas quanto somáticas, a solidão e a mutilação, tudo isso é produto de uma repressão sexual sociologicamente determinada, e portanto, alterável. A alternativa que enfrentamos na educação sexual não é entre a sexualidade e a abstinência, mas entre uma vida sexual natural e saudável ou perversa e neurótica (REICH, 1979, p.38).

As novas experiências propiciadas pelo sexo e pelas drogas alucinógenas nos anos 1960 e 1970 abriram caminhos para inúmeras possibilidades de reinvenção da existência. As mulheres que secularmente foram reprimidas começaram a descobrir novas proposições como o sexo antes do casamento, a masturbação, as fantasias eróticas e a sexualidade como um processo de autodescoberta. Enfim, prevaleceu o entendimento de que se deveria mudar a natureza dos homens, das mulheres e dos papéis sociais impostos. Tal revolução atingiu a célula-máter da sociedade, a família, que no contexto das grandes revoluções comportamentais se descentralizou com o surgimento das comunidades alternativas. Analisar socialmente a Revolução Sexual e o feminismo passa necessariamente pela discussão sobre o papel da família, que é a primeira instituição com a qual o ser humano toma contato. Através dela são disseminados e inculcados os valores e comportamentos aceitáveis para o convívio em sociedade. O psicanalista David Cooper, assim como Reich, crítica à família nuclear da sociedade capitalista, assinalando que não só no atual contexto, como em outros momentos históricos, esse núcleo é o principal aparato ideológico de dominação.

[...] O poder da família reside na sua função de mediação social. Ao proporcionar a todas as instituições sociais um paradigma de fácil controle, ela reforça o poder efetivo da classe dominante, seja qual for a sociedade onde ocorra a exploração. Assim encontramos réplicas da família como tal em todas as estruturas sociais: na fábrica, no sindicato, nas escolas, na universidade, na grande empresa, na igreja, na organização governamental e nos partidos políticos, nas forças armadas, nos hospitais gerais e psiquiátricos e assim por diante (COOPER, 1986, p.08).

Segundo o autor, além da família e das instituições educacionais, a psiquiatria também assume um papel proeminente, muitas vezes não como um agente de libertação, mas sim uma força que combate a autonomia individual. Isso resulta na criação de

indivíduos paranoicos e, portanto, incompatíveis com os interesses socialmente estabelecidos. O aspecto fundamental da família, conforme apontado por Cooper, é seu papel na orientação do indivíduo para o conformismo, e, nesse contexto, a educação se transforma em uma ferramenta de alienação.

Segundo Cooper:

[...] é neste estado, condicionado e obediente, que se encontra o indivíduo considerado “normal” pelo sistema, ou seja, este se encontra alheio a todas as facetas de sua própria experiência pessoal, a todo impulso espontâneo para ação, como também, a mais elementar consciência do seu corpo, isto é, vive num estado “fora de si” (COOPER, 1986, p. 15-16).

A alternativa proposta para contrapor os problemas da família patriarcal e monogâmica estabelecida era a construção de uma nova família, que se materializa nas propostas das comunidades alternativas. A perspectiva das comunidades reichianas, não autoritárias, oferecia a promessa de criar um novo tipo de indivíduo, livre das neuroses induzidas pelo sistema existente. Essa experiência na contracultura, caracterizada por elementos libertários, promovia a vida em comunidade, abrangendo todos os aspectos, desde a economia até as tarefas diárias, bem como as relações sexuais e amorosas. O objetivo da nova organização social nas comunidades era promover relações livres entre os membros, eliminando a repressão sexual. No entanto, esse processo não se efetivou completamente, pois muitos integrantes dessas comunidades ainda carregavam em si a influência internalizada da família tradicional e do sistema em geral. Nessas novas propostas, surgiram conflitos tanto internos quanto externos, com a questão da posse e dos ciúmes atuando como forças desagregadoras nas experiências coletivas.

Embora a mulher pudesse buscar uma vida liberta dos padrões tradicionais nas comunidades, a transição para essa liberdade não ocorreu de maneira súbita. Na visão da contracultura, o movimento feminista estava se estabelecendo gradualmente, com um questionamento crítico da cultura predominante.

[...] a civilização patriarcal foi questionada como em nenhum outro momento, transcendendo as premissas marxistas de luta de classes, ampliando-as: antes só havia uma consciência de luta de classes, que era a mais aparente; hoje o homem tem consciência de que a luta de classes é apenas uma expressão menor diante da estrutura global, daí só se pode falar em uma luta de culturas: a cultura dominante e a contracultura. E todas as lutas contra a opressão constituem uma luta global a que hoje chamam de contracultura. Não existem mais países, nem sexos, idades, nem raças, nem

classes em luta. Existe sim, uma mentalidade dominante e uma mentalidade dominada, que está adquirindo consciência numa velocidade incrível e planetária, no mundo inteiro, nos países capitalistas e nos países socialistas, na África primitiva e na Europa desenvolvida (MURARO, 1972, p. 45).

Muraro destaca uma conexão entre as lutas dos jovens contraculturais e das mulheres na chamada "Nova Era". Ela aponta que ambas compartilhavam uma busca por transformação e liberdade em um contexto de grandes mudanças sociais e culturais. Para os jovens contraculturais, essa busca se manifestava na rejeição das normas tradicionais, na exploração de novas formas de expressão, como a música, a arte e a experimentação com drogas psicodélicas. Da mesma forma, as mulheres na "Nova Era" também buscavam a libertação de papéis de gênero tradicionais, desafiando as expectativas sociais e procurando uma maior autonomia e igualdade. Ambos os movimentos estavam envolvidos na redefinição de identidades e na busca por uma sociedade mais igualitária e consciente.

Essas lutas compartilhadas refletem a efervescência da época, à medida que indivíduos e grupos se uniam para desafiar as normas estabelecidas e questionar o *status quo*, buscando novos paradigmas de vida e sociedade. Muraro vê nessa convergência de objetivos uma oportunidade de solidariedade e colaboração entre esses movimentos, buscando uma transformação mais profunda em suas respectivas esferas na “recuperação da vida e do corpo em todas as dimensões” (MURARO, 1972, p. 45).

[...] a ruptura da relação dominante-dominado, que leva consigo a recuperação do corpo, “quando a mulher descobre que pode ter uma vida sexual mais plena, e o jovem descobre a vivência plena dos sentidos e da inteligência -tudo isso tem uma base comum que é a recuperação da vida do corpo em todas as dimensões” (MURARO, 1972, p. 45).

Além de suas contribuições ao feminismo, Muraro também foi uma das principais interlocutoras da contracultura brasileira. Ela desafiou as normas estabelecidas e abraçou as expressões artísticas e culturais que surgiram nesse movimento, promovendo um questionamento profundo das estruturas tradicionais e conservadoras da sociedade. Sua coragem em apoiar e traduzir obras "subversivas" da contracultura e do feminismo, como *A Mística Feminina* de Betty Friedan, *A Contracultura* de Theodore Roszak e *Vida Contra a Morte* de Norman O. Brown revela seu compromisso com a disseminação de ideias que afrontam o sistema estabelecido.



Além disso, Muraro também desempenhou um papel fundamental na divulgação da Teologia da Libertação, em parceria com Leonardo Boff, e na promoção do pensamento ecológico no Brasil, deixando um legado duradouro de questionamento, liberdade e engajamento na busca por um mundo mais igualitário e consciente.

3 A *Libertação Sexual da mulher* (1970): feminismo, juventude e retribalização eletrônica

Na introdução da obra *Libertação Sexual da Mulher* (1970), Rose Marie Muraro esclarece ao leitor que o propósito do livro não é de natureza acadêmica, mas sim uma expressão genuína de sua visão pessoal e compromisso com a causa feminista. Ela faz questão de ressaltar que não se trata de uma análise distante e desapaixonada, mas de um testemunho engajado com as questões que permeiam a libertação da mulher. Muraro afirma que seu objetivo não é apenas apresentar argumentos lógicos e teóricos, mas também compartilhar suas experiências e reflexões, tornando o livro mais acessível e pessoal.

[...] não cabe no presente trabalho analisar aspectos metodológicos, o que faremos em outro volume, o que interessa, antes, é frisar o conteúdo existencial e concreto indispensável a qualquer livro que se destine àqueles que desejam questionar a sua maneira de ser (MURARO, 1970, p.1).

A obra destaca alguns temas importantes para a compreensão da Revolução Sexual, como o movimento juvenil de contracultura. Para Rose Marie Muraro, a abordagem do feminismo transcende a mera discussão sobre sexualidade e não se limita ao universo feminino, mas envolve toda a sociedade, inclusive os homens, que também estão em busca de emancipação e uma redefinição de seus papéis sociais. Para Muraro, o Feminismo e a Revolução Sexual são os precursores de uma revolução maior, a tecnológica, que se encaixa na ideia de uma revolução global da humanidade. Isso se torna especialmente evidente com o advento dos novos meios de informação e comunicação, que globalizaram a cultura em todo o mundo. Nesse contexto, a ideia de "aldeia global" de Marshall McLuhan, um renomado comunicólogo conhecido por seu estudo sobre a cultura de massa, ganha destaque. Para McLuhan, a sociedade e a cultura são moldadas pelos meios de comunicação, transformando o mundo em uma grande

comunidade tendo a liberdade sexual como característica marcante. Esse processo de "retribalização" teve reflexos significativos nos costumes, na música, na moda e nas discussões sobre questões políticas e sociais.

O mundo que emergiu no final da década de 1960, tem os sentidos e os corpos humanos intensificados eletronicamente expandindo-se graças aos avanços na tecnologia de comunicação. À medida que a sociedade adotou características tribais por meio da tecnologia, houve uma transformação nos padrões de sexualidade. No entanto, essa transformação não ocorreu de maneira rápida. Em vez disso, houve um afrouxamento das normas sociais e uma descentralização de paradigmas enraizados nos séculos XIX e na primeira metade do século XX.

Muraro afirma que:

[...] a tecnologia, e com ela, a história, se acelera vertiginosamente. A fragmentação e a explosão chegam quase ao infinito. Mas com a invenção da tecnologia eletrônica algo acontece. Telégrafo, luz elétrica, rádio, televisão, e nas fases finais, o computador eletrônico, em menos de 50 anos fazem a humanidade dar um salto quantitativo, a passar por novo ponto crítico. Sua primeira importância na vida humana deve-se a que as tecnologias eletrônicas voltam a integrar os sentidos: ouvido e visão tornam a ser usados integralmente. Em segundo lugar, agem à velocidade da luz. Tudo o que se passa em um canto da terra é imediatamente conhecido por todos os povos. A vida de todos volta a interessar a vida de cada um. Começa, então, a grande Era da Integração (MURARO, 1970, p.35).

Muraro destaca o processo de aceleração da história, caracterizado pela crescente integração da humanidade por meio da tecnologia. Nesse cenário, observa-se que, paradoxalmente, os indivíduos estão redescobrendo necessidades profundamente enraizadas em nossa história milenar. Emerge um despertar para a importância de viver em comunidade, algo que ecoa com os primórdios da experiência humana, quando nossos ancestrais se agrupavam em aldeias. À medida que as fronteiras geográficas se tornam menos significativas e as informações fluem livremente, a ideia de uma "aldeia global" se manifesta de maneira cada vez mais vívida. As tecnologias de comunicação e as redes sociais desempenham um papel fundamental nesse fenômeno, conectando pessoas de diferentes partes do mundo e incentivando uma sensação de proximidade que transcende barreiras culturais e geográficas.

Essa redescoberta das raízes coletivas reflete a crescente conscientização de que habitamos um mundo interconectado. À medida que desafios globais, como as

mudanças climáticas e questões de direitos humanos, se tornam cada vez mais evidentes, a urgência da cooperação e da compreensão mútua se intensifica. Portanto, estamos diante de um momento crucial em que a humanidade está reconstruindo sua unidade e reconhecendo sua responsabilidade compartilhada no contexto do mundo contemporâneo.

Quanto às análises psicanalíticas presentes no capítulo *A Repressão Sexual veio com a Civilização*, é evidente a influência de pensadores como Freud e Marcuse na abordagem da sexualidade sob uma ótica sociológica. Muraro amplia essa perspectiva psicanalítica ao adicionar uma visão histórica à discussão. Ela traça a evolução da vida sexual humana ao longo de três períodos distintos: o pré-histórico, o tradicional e o tecnológico. No período pré-histórico, os impulsos naturais prevaleciam sobre o conhecimento abstrato, com homens e mulheres primatas, guiados principalmente por seus instintos naturais. À medida que a humanidade se estabeleceu em sociedades sedentárias, ocorreu uma transformação nas relações sexuais atrelados aos conceitos de propriedade privada e hierarquias sociais. Nesse período, o pensamento era permeado por mitos, ritos, magias e superstições, o que se refletiu nas práticas sexuais, variando consideravelmente entre diferentes tribos. Isso incluiu arranjos como a poliginia, a poliandria e a promiscuidade pré-matrimonial, como observado nos estudos antropológicos de Margaret Mead em tribos das ilhas do Pacífico.

Já no período tradicional, com o advento da implementação da sociedade capitalista, a sexualidade sofreu uma transformação significativa. A energia libidinal começou a ser desviada para o trabalho, conforme a perspectiva freudiana. Essa mudança estava intimamente ligada à economia, ao surgimento da propriedade privada e ao estabelecimento de hierarquias nas relações sociais, tudo em busca de lucro. Essa transformação resultou em uma repressão da sexualidade, e Muraro explora como a sociedade moldou a expressão da sexualidade ao longo do tempo.

Portanto, a análise de Muraro abrange esses diferentes períodos da história da sexualidade da humanidade, explorando a evolução das normas sexuais e como a sociedade influenciou a expressão da sexualidade ao longo do tempo.

Muraro afirma que:

[...] Assim, com o progresso da civilização foi-se impondo uma repressão da vida sexual (livre no primitivo). Pouco a pouco essa repressão foi adquirindo regras, códigos morais cada vez mais rígidos. Com o passar do tempo esses

códigos foram sendo assumidos pelo pensamento religioso, que os tornava mais suportáveis com a promessa de uma vida feliz após a morte. Isto permitia ao homem suportar tanto a dominação como a repressão sem revoltar-se (MURARO, 1970, p.27).

A mulher enfrentou um amplo domínio durante o período tradicional, especialmente na Idade Média, quando era considerada propriedade da família e, posteriormente, do marido. O foco central desse sistema era a preservação da sociedade estabelecida, a proteção do patrimônio e o casamento se tornava um momento de intensa negociação. A procriação era valorizada como meio de garantir a continuidade da família, com uma prole numerosa sendo vista como uma fonte de mão de obra vital para o trabalho nas terras. A virgindade era considerada um símbolo da perpetuação e valorização da família. O prazer feminino era condenado como pecado, salvo para as mulheres de "má fama", como prostitutas, que, assim como as mulheres casadas, eram vistas como objetos que serviam igualmente aos interesses do sistema estabelecido, com os únicos beneficiários sendo os homens que detinham controle sobre esses corpos.

A partir do século XIX, com o esboço da sociedade moderna industrial, temos novas relações de trabalho e então, novos papéis sociais para mulheres e homens que ganham visibilidade no século XX.

Muraro afirma que:

[...] Nas diversas etapas de sua revolta a mulher também vai conquistando os domínios então considerados “terreno sagrado do homem”: em primeiro lugar, sai de casa, adquire competência profissional e invade o mundo do trabalho. Não mais sob a dependência do marido, que a mantinha dominada também pelo lado econômico e passa a dispor de si mesma. Os casamentos não são feitos mais por interesses e sim, por inclinação pessoal. Heranças, dotes, perdem importância. O casal passa a morar independente dos pais e de toda a parentela; escolhem eles próprios o local de sua moradia e tem início uma grande mobilidade social, impossível na sociedade compartimentada rural tradicional. Neste contexto, a competência profissional é agora a principal fonte de status: o posto que se ocupa é mais importante do que a família a que se pertence. Com o progresso, vai baixando a natalidade (MURARO, 1970, p.30).

No capítulo *Tecnologia e dominação*, Muraro apresenta sua análise em um período subsequente à Revolução Industrial, conhecido como a Revolução Tecnológica, que reformula a subjetividade humana e questiona profundamente a natureza do sexo (MURARO, 1970, p. 31). A autora estabelece um paralelo entre as sociedades primitivas, onde a sexualidade era vivida de forma mais livre, e a Era Moderna, na qual

as emoções e instintos são reprimidos em prol do pensamento racional. Muraro recorda a afirmação de Marcuse de que "a civilização é filha da repressão" (MURARO, 1970, p. 33). Nesse contexto, a lógica capitalista fragmenta um mundo que outrora era unificado, especializando cada vez mais os papéis sociais. À medida que a sociedade se mecaniza, a neurose torna-se uma condição predominante. De acordo com Freud, a neurose resulta de um conflito entre o instinto de autopreservação e as demandas da libido, com o ego assumindo o controle em detrimento do sofrimento individual (1997, p. 76). A neurose não é vista como uma experiência isolada, mas sim como uma condição coletiva que deriva de uma compreensão distorcida da sexualidade, tratando-a como algo impuro, o que, por sua vez, contribui para a disseminação da pornografia e da prostituição.

Em *Salto quantitativo*, Muraro aborda a aceleração do tempo promovida pela tecnologia e ressalta: "Vemos que a tecnologia vai-se acelerando, as divisões aumentam em velocidade e extensão, quase à beira da insanidade. Tudo aqui se desenrola como se estivéssemos nos aproximando de um ponto crítico" (MURARO, 1970, p. 34). O conceito de "ponto crítico" é central nesse contexto de fusão, integração e participação em busca de uma compreensão ampla da existência.

A questão da aceleração é também abordada em *Novos Métodos de Dominação*, no qual Muraro analisa a exploração e a dualidade da tecnologia. Ela destaca como a tecnologia pode tanto estimular a coletividade e a solidariedade entre as pessoas quanto contribuir para a destruição do mundo em busca do lucro. Essa dualidade da tecnologia permeia toda a obra, sendo também evidenciada no capítulo *Cultura de Massas, o Ópio do Povo*, no qual Muraro discute o surgimento de uma nova "religião da humanidade" alimentada pelo consumo desenfreado, resultante da dominação tecnológica na esfera cultural. À medida que as pessoas consomem cada vez mais produtos e ideias amplamente difundidos, tornam-se consumistas e perdem gradativamente a autonomia sobre suas próprias vidas. A lógica de Marcuse, expressa no conceito de "dessublimação repressiva", está intrinsecamente relacionada ao contexto capitalista. Ela aborda (como mencionado inicialmente neste trabalho) ao desejo insaciável de ter, que nunca é verdadeiramente satisfeito, o que se aplica tanto a produtos materiais quanto à concepção mercadológica da sexualidade. Isso implica que, no âmbito do consumismo, o desejo é constantemente avivado, mas raramente satisfeito de forma plena, mantendo as pessoas em um estado de busca incessante e criando uma sensação de impotência em

relação à autonomia em suas vidas. Muraro destaca essa dinâmica como um dos principais desafios enfrentados na busca por uma transformação cultural e social no mundo contemporâneo.

A questão da beleza e juventude da mulher é analisada de forma crítica nos capítulos *A neurose da juventude*, *A Neurose em detalhe: consequências psicológicas para a mulher* e *A neurose da beleza*. Muraro faz uma crítica contundente aos estereótipos ideais de beleza e juventude, que ainda fazem parte das discussões atuais: a busca por um corpo perfeito e jovem a custo de regimes alimentares, procedimentos estéticos, entre outros, sempre no intuito de permanecer jovem, negando o futuro, vivendo no presente e ignorando a morte.

O tema “morte” também é minuciosamente tratado por Muraro, seja de forma religiosa, como também psicanalítica. Em muitos de seus escritos aparecem referências cristãs, contudo, sem caráter doutrinário. Ela comenta que os teólogos cristãos S. Tereza, São João da Cruz, entre outros:

[...] comparavam o êxtase após a morte com a união sexual. A cultura de massas em sua ânsia erótica de trazer o êxtase beatífico para esta terra, a salvação eterna ainda nesta vida, camufla, reprime a morte, o lado fraco, feio, defeituoso da vida e valoriza obsessivamente o êxtase humano que é o amor sexual (MURARO, 1970, p.69)

O envelhecimento e a morte, duas fases inevitáveis na vida de qualquer indivíduo, frequentemente são encarados de forma negativa e muitas vezes ignorados em um mundo que valoriza o novo, a juventude.

Segundo Muraro, “Uma ponte para o outro” seria a panaceia primeira para essas questões:

[...]a ponte para o outro está no amor, na afetividade, na sexualidade, que também são qualidades interiores, o caminho seria desenvolver essa ponte. Enfrentar a cultura, os estereótipos. Desenvolver e não reprimir a afetividade, a sexualidade, o amor, a sensibilidade, a feminilidade, enfim. Como sempre, a chama é maior que a forma. A vida da mulher é, mesmo, em sua tessitura, a dialética entre a forma e a chama. Ambas se atraem e se negam dialeticamente. Aquelas que deixam a forma sobrepujar, negam a sua chama, as suas qualidades humanas superiores e se tornam menos humanas. As que negam também a forma em favor da chama podem negar seu corpo e igualmente tornarem-se menos humanas. A síntese seria a integração [...] num mundo competitivo de dominação, em que a todo o momento o homem tem que se defender e atacar, o amor íntegro é impensável. Num mundo competitivo amar é entregar os pontos, perder a posição de superioridade, em suma, perder. Por isso o homem tradicional é durão, isto é, esquizóide.

Prefere cindir-se a se entregar. Ou ama afetivamente, sem necessidade sexual ou ama sexualmente sem sentir necessidade afetiva (MURARO, 1970, p.85).

Nos capítulos *A Obsessão sexual: do puritanismo à pornografia e a Pornografia e impotência*, a autora nos mostra como o sistema estabelecido regula a vida sexual e comercializa o sexo como produto sujo e misógino, corroborando com as discussões dos capítulos anteriores. A pornografia se estabeleceu como uma indústria global que capitaliza o desejo humano, promovendo uma oferta aparentemente infinita de conteúdo sexual. No entanto, é importante reconhecer que, em muitos casos, ela não satisfaz o desejo de uma maneira que promova relações saudáveis e genuínas. Essa dinâmica deixa espaço para a chamada "dessublimação repressiva", um conceito de Marcuse que descreve como a busca por prazer se torna neurótica e não se traduz em uma verdadeira satisfação.

A noção de libertação sexual contrasta com a pornografia, pois incentiva a busca por uma sexualidade mais autêntica e gratificante, baseada na conexão genuína com o parceiro ou parceira. Ela sugere que a pornografia pode distorcer a percepção do sexo e das relações interpessoais, afastando as pessoas da intimidade real. Para mudar essa dinâmica, é fundamental considerar que o puritanismo histórico e as noções tradicionais em relação ao sexo estão profundamente enraizados em nossa sociedade. Aceitar esse fato, segundo Muraro, é o primeiro passo para uma transformação significativa. Com essa aceitação, podemos começar a explorar novas ideias em relação ao sexo e promover uma sexualidade mais autêntica e saudável, que valorize a conexão emocional e a satisfação mútua.

Nos próximos capítulos *Perfil do homem tradicional, algumas atitudes típicas e perfil do homem tradicional brasileiro*, a autora perscruta a caracterização não apenas do "homem histórico", mas também da formação do "homem psíquico" sinalizando sua esquizofrenia ao selecionar as mulheres a quem deve proteger e àquelas que servem apenas como distração e agrado de sua sexualidade.

Dentro dessa situação, a mulher "boa" e a de "má fama" são usadas como objeto, sendo a primeira reprimida sexualmente. Neste processo, a mulher esposa coloca toda a sua energia libidinal reprimida no trato com a casa e em sua relação com os filhos, exercendo nesta relação, o poder a ela circunscrito. Neste cenário, não há

questionamentos, a família exerce sua função e perpetua tais valores que acabam se reproduzindo até nos dias atuais.

Na obra, a autora oferece estatísticas em relação aos comportamentos sexuais dos homens cariocas, no ano de 1966, oferecendo uma interface do homem tradicional brasileiro:

[...] 82% prefere que a mulher se comporte como esposa e 16% que se comporte como amante! Esta tendência vai aumentando com a idade: aos 18 anos apenas 62% pensam dessa maneira, para ir até 90% na faixa de mais de 50 anos de idade. 47% acha necessário ter duas mulheres: uma para casa e para os filhos e outra para fazer amor! (MURARO, 1970, p.89).

Apesar da estatística realizada, fruto de pesquisa aplicada em várias faixas etárias e níveis de escolaridade, entre outros fatores, nota-se que a heterogeneidade originou poucas diferenças nos resultados médios que a autora apresenta.

A segunda parte do livro intitulado *O Homem Eletrônico*, Muraro assinala as grandes mudanças comportamentais geradas através da tecnologia, especificamente, os meios comunicacionais que junto a movimentos contraculturais denotam aquilo que chamou de nova consciência no mundo, libertadora de todos e necessária. Quanto mais avançam os movimentos libertários, menos há dominação, que por sua vez, tende a tornar-se cada vez mais complexa em um mundo de grandes possibilidades. A nova subjetividade que emerge relacionada à tecnologia é descrita por Muraro no capítulo *O Novo eu e a nova massa*. Há nessa concepção de temporalidade a questão das mudanças paradigmáticas trazidas pelos novos meios de comunicação e informação que modulam esse “novo eu” e essa “nova massa”, que surge como anseio de mudanças que perpassam o individual e se entrelaçam ao coletivo. Há também uma nova cultura de massa que atinge a todos não mais de forma linear. A autora coloca o fosso geracional que não ocorria na sociedade tradicional, mas que se percebe na criança e no jovem eletrônico. A questão do conflito geracional entre pais e filhos, professores e alunos que representam uma geração tradicional em contraposição à eletrônica sedimentam as transformações desse período. A formação dessa criança e desse jovem não é mais unicamente orientada pelos pais e professores, mas pelos *mass media*, enfraquecendo, portanto, as instituições tradicionais escola e família, o superego que ordena a obediência aos padrões. A identificação com a figura do pai, de heróis, mitos se enfraquece:

[...] Com a Era eletrônica, o Superego relaxa-se, muda de conteúdo. Passa do conteúdo puritano e rígido do pai para outro mais ameno e sentimental (com um lado agressivo) pois o sentimentalismo e a agressividade são os conteúdos básicos da cultura de massas. Contudo, esse conteúdo, frisamos, é o mesmo para todos. Assim a personalidade da juventude atual tem mais traços em comum do que o homem abstrato e isolado (MURARO, 1970, p.101).

A cultura de massa que Muraro denomina como nova massa é balizada pelos conceitos freudianos e se caracteriza pelo desaparecimento da personalidade consciente, permitindo um afrouxamento das regras repressoras em seu corpo e mente. A orientação das ideias e dos sentimentos se dá em direção única, pois o conteúdo da cultura de massa é o mesmo para todos. Há também predominância da afetividade e da vida psíquica inconsciente, que faz com que os jovens sejam menos agressivos em suas relações afetivas, deslocando esta energia para a revolução dos comportamentos. Existe a tendência à realização imediata das intenções que possam surgir despertas também pelo conceito oriental de instantaneidade que promove a ideia do viver aqui e agora intensamente, uma das premissas principais da contracultura. Há interesse maior de descobertas, o que leva o jovem a diversas experimentações, à procura de uma maior dose de informação, ao desejo de autonomia individual e comunicação total. Todas essas tendências relacionam-se com a ideia de aldeia global propiciada pela conexão das pessoas em torno do mundo eletrônico e de movimentos de contracultura, na qual a autora se debruça nos próximos capítulos *A nova consciência – a contracultura*, *O sexo como libertação* e *A futura desvalorização do sexo: os novos papéis do homem e da mulher*. Nesses capítulos a ideia é trazer à tona a luta dos jovens com a das mulheres, negros, entre outras minorias que até então não alcançavam visibilidade. Coloca a contracultura norte-americana, que se difunde eletronicamente pelos novos meios comunicacionais, como um importante movimento, resultado de reação e ação ao próprio sistema: “A luta não é, hoje, mais de classes ou de povos e, sim, de culturas: é a luta da cultura tecnológica com a contracultura que ela própria gerou. Por ser global, essa luta não poderá resolver-se em plano menos profundo que este (MURARO, 1970, p.107)”.

O surgimento daquilo que conceitua de nova consciência rejeita o mito da consciência objetiva que tem como consequências o mundo da “Bomba H” e de domínio do homem pela máquina, colocando a emotividade como importante faceta da

inteligência. Descentraliza os paradigmas positivistas e a linearidade da História em um mundo menos rígido e de muitas possibilidades, inclusive no pensar a sexualidade. A ideia era contrapor a pornografia com o erotismo que, segundo Muraro (1970, p.113) é a plenitude da relação homem-mulher, por uma relação não tradicional de abertura do centro afetivo. As novas relações balizadas pela nova consciência são de profundidade, de empatia generalizada, de desejo de questionamento intelectual e afetivo, de totalidade. Muraro afirma que em um ambiente não tradicional, não existe luta de sexos e a integração entre o masculino e o feminino se dá de forma espontânea surgindo inclusive como já comentado, a figura do andrógino, considerado a mutação da espécie. A Androginia é entendida aqui, não no sentido sexual da palavra, mas na caracterização, naquela pessoa que assume as forças *yin* e *yang*, os pólos negativos e positivos que coexistem entre si. A moda unissex que se disseminou na época era representativa dessa abertura: mulheres de calças cumpridas, homens de plumas e paêtes, cabelos longos, túnicas entre outros adereços e caracterizações relacionados ao momento da humanidade de entrada naquilo que o pensamento místico chamou de Era de Aquarius. A autora cita a obra *Mutações* de Marshall McLuhan que se une a Jung para analisar o movimento de feminização dos homens através da cultura de massas. Este processo, segundo Muraro (1970, p.118) iniciou-se com os Beatles e tomou conta do mundo, correspondendo aos desejos de mulheres e homens em busca de algo mais profundo que a dominação patriarcal imposta secularmente. Menciona homens que escapam do ideário másculo de outrora, como Frank Sinatra, Elvis Presley e os integrantes dos Beatles: “símbolo ao mesmo tempo da revolta e do amor novo”.

Em *A futura desvalorização do sexo: os novos papéis do homem e da mulher*, Muraro faz a crítica ao mundo binário que promove o sexo especializado, reprimido. Quanto ao papel do sexo, a autora visiona que ele deixará de ser valorizado: “o sexo não é para seus olhos senão uma experiência sensorial entre muitas outras. Pode-se obtê-lo quando se desejar o que faz que não se tenha dele mais uma necessidade imperiosa” (MURARO, 1970, p.120). A ideia era transcender a questão sexual, ultrapassá-la.

Nos capítulos *As alternativas: A superação da cultura de massas, A superação da dominação*, identifica as formas opressoras da cultura de massa, a homogeneização dos gostos e ao mesmo tempo demarcando as tentativas de romper com a linearidade imposta. Cita Norma O. Brown quando trata da integração do indivíduo com o todo, superando até mesmo a morte:

O instinto de morte reconcilia-se com o instinto de vida apenas em uma vida que não é reprimida, que não deixa zonas não vividas no corpo humano. O instinto de morte se afirma em um corpo que quer morrer. E, porque o corpo está satisfeito, o instinto de morte não impele a mudar-se a si mesmo e a fazer história e, daí em diante, como adivinhou a teologia cristã, a sua atividade já está se fazendo na eternidade (MURARO, 1970, p.126).

A terceira parte do livro intitula-se *A libertação sexual da mulher*, subdividido nos subcapítulos: *A Mulher e a História*, *A Mulher e a contracultura*, *Sexo e Evolução*. Muraro retoma todos os conceitos trabalhados nos capítulos anteriores explicando os mecanismos de dominação colocados pela sociedade capitalista e patriarcal, de repressão, muitas vezes se utilizando de conceitos dos psicanalistas e sociólogos da época como Norma O. Brown, Herbert Marcuse e Wilhelm Reich. Esmiuça com maestria o conceito de neurose, dessublimação repressiva, entre outros que acometem os corpos cindidos dentro do sistema. A reorganização social proposta pelos jovens da contracultura em relação aos papéis femininos e masculinos e a miríades de possibilidades de se entender o corpo e o comportamento foram à tônica desta importante obra que trabalha o tema sobre a libertação sexual da mulher sob os mais diversos pontos.

Aqueles que tentam definir uma orientação sexual única para os tempos futuros, descobrirão que seus esforços foram vãos. Ao contrário, parece que o futuro apresentará uma diversidade, uma variedade infinita. A procura de uma sexualidade nova nada mais é, que a procura de um novo eu, de uma nova maneira de comunicação. Esta procura está muito adiantada. E seus resultados surpreenderão a todos (MURARO, 1970, p.162).

Em contexto de ditadura militar e contracultura, o livro trata de temas considerados à época como tabus e alcança os dias atuais ainda sob o signo da transgressão, permanecendo atual.

4 Considerações Finais

As ideias diversificadas e visionárias de Muraro transcendem as limitações de um único artigo. Assim como muitos intelectuais brasileiros das décadas de 1960 e 1970, ela desempenhou múltiplos papéis em diversos âmbitos. Sua extraordinária



contribuição para a cena cultural brasileira lhe rendeu reconhecimento e prêmios, embora ela mesma se intitulasse uma "porra-louca". A escrita de Muraro reflete suas inquietações e experimentações, desprovida de formalismos ou fórmulas doutrinadoras. Com seu pensamento independente, percorreu diversos caminhos e áreas de conhecimento, como evidenciado em suas inúmeras palestras, artigos, livros e traduções. Ela não se limitou à luta feminista, abraçando também questões ecológicas e se aliando aos jovens da contracultura, além de outros movimentos sociais historicamente marginalizados pela narrativa oficial. Em suas próprias palavras, Muraro expressou: "Sinto-me, também, como os jovens, marginal a uma sociedade rígida e competitiva" (MURARO, 1972, p. 6-7). De acordo com a autora, a juventude estava moldando o mundo como uma aldeia global, deslocando vidas e questionando costumes culturais cristalizados. A Revolução Sexual proposta pela juventude contracultural visava criticar a sociedade patriarcal, capitalista e tecnocrática em busca de uma sociedade mais justa. Sob a perspectiva de Muraro, o descondicionamento era uma questão feminista crucial, que deveria ser discutida não apenas nas universidades, mas também em todas as esferas da sociedade. A obra que analisamos reflete o contexto brasileiro das décadas de 1960 e 1970, marcado pela repressão ditatorial e pelo crescimento do movimento feminista de segunda onda, que contribuiu significativamente para os avanços atuais do movimento feminista.

5 REFERÊNCIAS

BROWN, Norman Oliver. *A vida contra a morte: o sentido psicanalítico da História*. Petrópolis: Vozes, 1972.

COOPER, David. *A morte da família*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

DUARTE, A.R.F *Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América*. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.14, n.1, p.287-293, jan/abr.2006.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução de José O.A. Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.



JARY. Homem não é homem, mulhomem; mulher não é mulher, homulher. *Revista Bondinho*, São Paulo, maio 1972. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/larawerner/rose-marie-muraro-livro-deartigos>.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 7a. Ed., 1978.

MURARO, Rose Marie. *Libertação Sexual da Mulher*. 3ª.ed. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1975.

MURARO, Rosie Marie. *Memórias de uma mulher impossível*. 5 ed. Rio de Janeiro. Record, Rosa dos Tempos, 2004.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Editora Contexto, 2007.

REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Tradução de Ary Blaustein. 5 edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

RILKE. Cartas a um jovem poeta. *Flor do mal*, Rio de Janeiro, jun.1971.